

VIDAS BANDIDAS



ELES CALCULAM QUE PELO MENOS 200 GAROTOS ESTÃO ENVOLVIDOS NA GUERRA DE GANGUES EM PLANALTINA, ONDE SÓ AS MÃES SÃO POUPADAS

Clarissa Lima e Wanderley Pozzembom
Da equipe do **Correio**

A violência entre gangues, em Planaltina, anda sobre quatro rodas. Não tem horário nem dia definido. A qualquer momento, garotos podem passar, em um carro, descarregando as suas armas em cima de pessoas inocentes. O alvo principal são os integrantes da gangue inimiga, mas "quem estiver na linha, leva tiro. Vai tudo no saco", diz um deles. "Só precisa estar vestindo uma bermuda, jaqueta e com um boné", afirma outro.

A briga entre as gangues do Agreste e Pombal, nas vilas Roriz e Buriti II, respectivamente, já completa cinco anos, mas só nos últimos dois, as mortes começaram a ser mais frequentes. A gangue do Agreste contabiliza sete mortes em toda a briga, reunindo as perdas dos dois lados.

No Pombal, a conta sobe para nove. Até agora, cerca de 20 pessoas inocentes morreram neste embate. A área de divisa entre as duas regiões é o Caveral, o cemitério da cidade. É lá também onde boa parte dos crimes acontecem. A lei de segurança é severa: "A partir das 19h, só fica na rua quem está na guerra", avisam os garotos da gangue do Agreste.

Ontem, uma equipe do **Correio Braziliense** esteve na cidade. Não demorou muito, chega um garoto da gangue do Agreste, em uma bicicleta e sopra para o motorista: "A gente está querendo falar com vocês".

Um garoto com boné, em outra bicicleta, leva a equipe até um terreno baldio, onde 12 meninos estão à espera. "Queremos falar tudo", prometem. Nesta história, não existem nomes nem sujeitos. "É tudo sem aparecer ninguém", exigem.

Às 13h, o mesmo grupo se reúne. Eles escolheram, propositalmente, o local onde o colega conhecido como Eré, 14 anos, foi assassinado há 15 dias, com oito tiros, enquanto empinava uma pipa nas ruas do bairro. A morte do garoto é o motivo de maior revolta da gangue, que promete vingança. No enterro do menino, os integrantes da Agreste tiveram que pular o muro para chegar ao cemitério. "Tava todo mundo armado. Não teve troca de bala, porque tinha muita polícia. Ainda perdemos três armas lá", relata P.O., 15 anos (iniciais fictícias). A conversa é interrompida cada vez que um carro se aproxima. "Temos que ver quem está passando. Podem ser os caras", alertam.

Segundo os integrantes da Agreste, a briga começou 'a pegar fogo', em 1997, quando o amigo Rapadura foi assassinado, depois de ter dado um tapa na cara de uma garota, irmã de um dos garotos do Pombal. "Antes, a gente até frequentava os mesmos lugares", diz.

No Pombal, os rapazes contam



Integrantes da gangue Agreste, de Planaltina, exibem foto de Eré, garoto morto com oito tiros há 15 dias: vidas que dificilmente chegam aos 20 anos

que a rixa teve início em uma festa, em 1994. "Um cara daqui pisou no pé de um deles e foi pedir desculpas. O rapaz não aceitou. Saímos do clube e começamos o tiroteio. Isso só foi o aviso para eles. O Rapadura morreu porque estava ameaçando todo mundo", relata um garoto de 19 anos.

"O ASSUNTO QUASE SEMPRE É O MESMO. QUEM DEVE PAGA COM A VIDA. TÔ SABENDO" (Trecho do rap Bem-vindo a Planaltina)

As duas gangues estimam ter cerca de cem integrantes, de cada lado. Quem entra no grupo, tem que

abandonar o colégio, esquecer as festas e se dedicar exclusivamente 'à defesa da sua vida e de seus amigos'.

Durante todo o dia e à noite, os garotos ficam espalhados pelas ruas, 'de olho no inimigo', que pode aparecer a qualquer momento. Por precaução, sempre estão armados e próximo à casa de um amigo, para se

proteger na hora do combate. Ao menor sinal do inimigo, eles se comunicam pelo telefone. "Aqui é um vigiando as costas do outro", conta N.Z., 20 anos. "O primeiro que vê, a gente mata", diz o garoto do Pombal.

As áreas são sitiadas. "Em toda esquina tem um garoto de olheiro, com uma arma na mão. A gente não

pode dar bofeira", diz um menino do grupo do Pombal. "Se for sair na rua, tem que estar armado", retruca o garoto do Agreste.

As investidas de cada grupo não são planejadas. "Junta um grupo aqui e vamos lá meter bala", diz T.M., que entrou na gangue porque um amigo foi morto. O número de rapazes em cada 'luta' depende da quantidade de armas que tenham em mãos. "Cada um vai com uma ou duas na mão", conta P.O. Ele diz que entrou na briga porque foi baleado, quando estava 'de bofeira' pelas ruas do seu bairro. "Não tinha nada a ver com a história. Agora vou até o fim", conta P., que integra o grupo desde os 11 anos de idade.

"POLÍCIA QUASE SEMPRE CHEGA ATRASADA. MAS A NOITE NÃO FALHA. VAMOS AO AGRESTE, VÊ. GUERRA DECLARADA" (Trecho de rap)

A maioria dos garotos não passa dos 20 anos. Olha fixo, eles não gaguejam na hora de falar, nem de ameaçar o inimigo. "Se tivessem moral para sair na porrada, a gente sairia na vantagem", desafia T.M., 19 anos, do Agreste. A revolta é o principal motivo que leva estes meninos à 'vida bandida'. "Tenho raiva do que eles fizeram com a gente aqui", diz N.Z., 20 anos, que entrou no conflito depois de perder um amigo.

Quem entra na gangue, sabe que pode morrer a qualquer instante. A disposição desses garotos é assustadora. "O jogo da vida é matar ou morrer", diz um garoto de 19 anos, do Pombal. "Quem entra nessa, só tem uma saída: a cadeia ou a morte", diz N.Z. A expectativa de vida não vai muito longe. "Se passar dos vinte anos, tá bom", diz P.O.

Para entrar no grupo, a regra para os dois lados é uma só: "Tem que ter coragem e atitude". Na rua, vale a lei do "olho por olho, dente por dente". A família é o único ponto de honra. "Mãe a gente não mata. É sagrado", garantem os integrantes das duas gangues. Quanto às namoradas: "Se pegar uma *dona* (mulher) deles por aqui, a gente *racha* mesmo", diz P.O.

As armas preferidas são pistolas nove milímetros e o revólver 38. Os seus ídolos na música são os rappers. "A música *Bem-vindo a Planaltina*, do Código Penal, incentiva a guerra", dizem.

Um segredo é guardado a sete chaves: a origem e o montante do arsenal. Segundo os integrantes das gangues, o número de armas varia muito. "A gente perde três hoje, mas pode ganhar quatro amanhã", conta T.M. Como conseguem comprar? "Se tiver dinheiro, a gente compra. Senão, fala alto", diz N.Z. Uma parte dos armamentos é comprada com o dinheiro dos integrantes da gangue, que se cotizam. "A gente junta o troco do pão", brinca T..

O revólver 38 é indicado para os iniciantes. A pistola só fica na mão 'de quem tem experiência'. Pelas regras, as armas não têm dono, 'passam pela mão de todo mundo'.

O fim da guerra parece não estar próximo. As duas gangues concordam numa coisa: a guerra só vai acabar quando uma das duas tiver sido exterminada. "Se um dia chegar ao fim, prometo que entro para a igreja do sétimo dia", planeja N. É a lei da bala.

■ Mais guerra de gangues na página 2